



LEONEL SANTOS

Anrajjazz 2022 - Parte I



PEDRO MOREIRA Sax Ensemble.

Poderemos dizer, sem quaisquer hesitações, que o Anrajjazz é um dos mais importantes festivais de Jazz nacionais, e a confirmá-lo está a vigésima terceira edição que agora encerrou. O êxito do Anrajjazz deve-se, em primeiro lugar, à persistência, assiso e sabedoria dos programadores, que souberam balancear, ao longo dos anos, o Jazz mais acessível e algum menos consensual, sem cair em facilismos; rompendo os constrangimentos da insularidade. Mas o Anrajjazz é mais do que um festival: contra todas as improbabilidades, o Anrajjazz construiu algo de sólido e persistente, como é a Orquestra Anrajjazz, uma das poucas grandes formações regulares nacionais, fundada há vinte anos: um dos orgulhos do quarteto que compõe a Associação Anrajjazz. Orquestra Anrajjazz - E foi com a sua Orquestra que o Festival começou. Não é fácil a vida de uma orquestra de Jazz numa pequena ilha do Atlântico, sem outras tradições que não as que foram pelos seus

mentores construídas; e alguns dos meus leitores recordarão, talvez, como há alguns anos assinalai um dos concertos sem um único solista. Pois em 2022 solistas não faltaram: se não contei mal, foram mais de vinte os solos tocados nas seis composições do concerto. É verdade que alguns dos solos terão sido ainda incipientes, mas eles foram corajosos, e o Braulio Brito, o Paulo Borges, o Paulo Cunha, a Antonella Barletta e o Rui Melo são já improvisadores dignos de nota. Este é decisivamente o caminho. O repertório recaiu sobre o hard bop clássico, com Benny Golson, Lee Morgan e Dexter Gordon em destaque. Um início de festival saboroso e competente.

Joe Dyson Quintet - Oriundo de New Orleans, Joe Dyson é um jovem baterista com uma carga pesada da tradição, contagiada por uma religiosidade messiânica. Dyson invoca por diversas vezes os seus mestres, Alvin Batiste, Donald Harrison ou Nicholas Payton, e o pai, o pastor Rev. Dr. J.C. Dyson - cuja voz surge por diversas vezes ao longo do con-

certo. Os samplers dos sermões do pai terão sido mesmo o que de mais acutilante o concerto teve, porque a sua música é bastante burilada, mesmo se intensa. Músicos muito jovens, mas capazes, com nota alta para o saxofonista, propiciaram o que de mais genuíno e próximo da tradição o festival levou ao palco.

Vale a pena contar que, no meio do concerto, Dyson anunciou um convidado inesperado, pedindo a Ricardo Toscano, que tinha visto tocar nessa tarde num dos concertos do Jazz na Rua, para subir ao palco. E Toscano comportou-se como um verdadeiro membro da banda, adaptando a pauta ao seu sax alto, e improvisando como um natural. No final, o líder da banda confessava-se surpreendido: «You should be proud of this guy». Nós estamos orgulhosos!

Pedro Moreira Sax Ensemble - O disco que deu origem ao concerto que abriu o segundo dia foi votado pela crítica como o disco do ano 2021. «Two Maybe More» nasceu de uma encomenda da Gulbenkian para um espectáculo de dança em 2014 e, na

origem, a peça foi composta para ser interpretada por coro e ensemble de câmara. Sete anos passados, Pedro Moreira regressou à obra, adaptando-a para um ensemble de oito saxofones e secção rítmica.

O que de diferente teve em Angra, do disco e de anteriores concertos, foi um ajustamento dos solos na escrita, na própria disposição dos protagonistas, nos contrastes tímbricos e nos contrapontos, que os tornaram evidentes, num entrosamento perfeito. Todos os músicos sem excepção solaram e, se poderia fazer notar um ou outro, e seria talvez injusto, eu gostaria de apontar apenas o solo final do jovem Bernardo Tinoco!

Todos os músicos concordaram que este foi o mais bem sucedido concerto do ensemble, e a satisfação estava estampada no rosto de Pedro Moreira. E, numa concordância entre público e crítica, este foi um dos mais aplaudidos concertos do festival. ■

(Leonel Santos esteve no Anrajjazz a convite do festival)



LEONEL SANTOS

AnraJazz 2022 - Parte II



SAMARA JOY

Samara Joy - A segunda noite do AnraJazz 2022 terminou com a jovem estrela Samara Joy. Ela é uma cantora muito jovem - 22 anos - que se destaca pelas suas capacidades vocais, com uma amplitude tímbrica impressionante, e pela entrega e generosidade. Faltar-lhe-á ainda, talvez, a personalidade que só o tempo concede. Mas há algo nela que parece adivinhar essa ambição, e que esteve presente na adaptação vocal do solo de Fats Navarro em «Nostalgia», na apropriação jovial do repertório de Betty Carter ou Abbey Lincoln, ou na interpretação de um tema repescado de um clássico dos anos 50 popularizado por Nancy Wilson, «Guess Who I Saw Today», que me sugeriu, no patético abandonado, Cecile McLorin Salvant.

Despretensioso e genuíno, um concerto contagiante, capaz de reunir consensos e muito aplauso pelo público, com motivos. Belmondo Quintet - Dois nomes maiores do Jazz europeu, Lionel e Stephane Belmondo são dois veteranos. Curiosamente a sua música é muito marcada pelo Jazz norte-americano tendo, depois de tocar com Yusef Lateef em 2005, ganho em espiritualidade. Hard-bop intenso, como disse, espiritual, com explosões protagonizadas por Marc Miralta, muito herdadas da música desse período, que remete para a catarse de John Coltrane, e a que haverá apenas a apontar algum excesso em solos muito longos, que o virtuosismo dos protagonistas concedia. Banda muito equilibrada e coesa para um concerto denso e generoso, com um

repertório inspirado em Yusef Lateef e Wayne Shorter.

Guillermo Klein Y Los Guachos - A música de Guillermo Klein situa-se nos antípodas dos Belmondo. Ele é basicamente um compositor que, na herança da forma de Ellington, escolhe os seus instrumentistas com o rigor e a precisão de um relojoeiro. E eles são nada menos que Miguel Zénon, Bill McHenry, Chris Cheek, Jeff Ballard, Diego Urcola ou Wolfgang Muthspiel, proeminentes executantes e improvisadores, que o acompanham há mais de duas décadas. Música cerebral, que tanto se inspira em Astor Piazzolla como em Wayne Shorter, ela vive dos detalhes, de uma imensa riqueza harmónica, na relação conflituosa entre a composição e a improvisação de que é feito o Jazz; exemplar

também na relação colectivo - individual que é também própria do Jazz e que o engenho de Guillermo Klein promove e provoca e que o decateto que lidera cumpre, ora observando a pauta, ora a questionando, ora improvisando. Música subtil e fecunda, luxuriante e irredutivelmente moderna. Um magnífico final de festa!

Ao longo dos dias do festival, e na semana que o precedeu, o AnraJazz promoveu também o Jazz na Rua, em diversos cafés e estabelecimentos comerciais da cidade de Angra do Heroísmo, com os TB Jazz Ensemble, o Joana Pacheco Group, o Toscano/Andrade Quarteto, e o Coelho/Fernandez/ Cunha Trio. ■

(Leonel Santos esteve no AnraJazz a convite do festival)